

O LUDISMO LEXICAL DE MONTEIRO LOBATO

Tania Maria Nunes de Lima Camara (UERJ)

Resumo: Quando se pensa na produção literária voltada para crianças, valorizando o universo cultural em que estas vivem, o nome de Monteiro Lobato ganha lugar de destaque. O cuidado de apresentar-se como um contador de histórias que coloca a realidade brasileira como foco, pode ser considerado um dos fatores de relevância que coloca o ilustre autor como linha divisória entre aquilo que as crianças (ou não seriam miniadultos?) liam antes do contato com seus textos e tudo quanto passaram a ler a partir da publicação de sua primeira obra. Lobato, de maneira simples e despretensiosa, insere o leitor no ambiente textual, fazendo-o participar da trama. Tal fato mostra-se consequência da capacidade do autor de trazer para o universo de sua literatura, brincadeiras próprias da infância brasileira. Seu traço de brasilidade envolve ambientes, personagens e linguagem. A natureza do presente artigo traz a linguagem como centro da investigação na obra lobatiana. A identidade cultural manifesta-se, do ponto de vista lexical, como característica do texto produzido, uma vez que coloca o leitor em contato com marcas de oralidade e expressões cotidianas próprias da língua portuguesa do Brasil. Assim, busca-se aqui estudar a linguagem lobatiana, mais especificamente o caráter expressivo das criações neológicas presentes em *Emília no País da Gramática*, formadas a partir de diferentes processos. Tal marca de expressividade será apresentada, funcionalmente, não só como orientadora do leitor no caminho da produção de sentido, mas também como caminho produtivo da prática docente.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Léxico; Neologismos, Produção de sentido, Ensino.

Abstract: Monteiro Lobato wins prominently when one thinks of literary production for children, valuing the cultural universe in which they live. Care to present himself as a storyteller that puts focus on the Brazilian reality, this fact can be considered as one of the relevant factors in his work, which makes the line of the illustrious author divide between what children (or would not mini-adults?) read before contact with his texts and everything started to read from the

publication of his first work. Lobato inserts the reader into the textual environment. This fact appears to be a consequence of the author's ability to bring to the universe Brazilian children's jokes. The nature of this article brings to the language research center in lobatiana work. Cultural identity is manifested, the lexical point of view, as the text produced brand, since it puts the reader in touch with orality brands featuring Portuguese of Brazil, as well as natural expressions of everyday life. The present work aims to study the lobatiana language, specifically the expressive character of neological creations present in *Emília no País da Gramática*, formed from different processes. This brand of expressiveness will appear functionally as guiding the reader on the path of production of meaning.

Keywords: Monteiro Lobato, Vocabulary, Neologisms, Meaning, Teaching.

PALAVRAS INICIAIS

Considerado o universo literário brasileiro, nada se mostra mais saudável e adequado do que aproximar a criança da obra de Monteiro Lobato. Há de se considerar aqui dois fatores importantes para tal avaliação: a realidade brasileira e a concepção de infância.

O primeiro fator relaciona-se ao fato de Lobato apresentar-se como um contador de histórias para crianças brasileiras, trazendo como foco, ambientes, personagens, situações e linguagem próximos da realidade desse público, desde a publicação de sua primeira obra. A declaração de Lygia Bojunga (2007), apresentada a seguir, constitui um suporte relevante para esse ponto de vista:

Eu estava super fresquinha de recém ter aprendido a ler e andava às voltas com histórias em quadrinhos. Era um pessoal legal, eu gostava deles, mas, sei lá! Era uma gente tão diferente da gente. Eles moravam nuns lugares que eu nunca tinha ouvido falar; eles tinham cada nome tão estranho (às vezes até acabando com *h!*), como é? como é mesmo que se diz esse Flash? *Flachi?* *Flachi* Gordon? E se eu contava, por exemplo, eu hoje li que o Mandrake perdeu a cartola, tinha sempre alguém por perto aprendendo inglês pra querer mostrar que sabia mais que eu: não é assim que se diz, sua boba, é *Mandreike*. (BOJUNGA, 2007, p.16)

A crítica que a autora expõe centra-se nas diferenças existentes entre as identidades culturais de origem da então jovem leitora e das obras com as quais tinha contato. Em outra passagem, declara a autora que, por conta dessa distância cultural, começou

a achar que aquela história de ler não era uma coisa descomplicada feito descascar uma laranja, pular uma amarelinha, cantar junto a música que tocava no rádio. E se, em vez de ler, liam pra mim, aí mesmo é que a coisa não se descomplicava: o meu pai e a minha mãe liam histórias pra mim numa coleção de livrinhos pra criança que tinha lá em casa, tudo impresso em Portugal, e cheio de infantas, estalagens, escopetas, arcabuzes, abadessas rezando vésperas, raparigas na roca a fiar... (...)

E quando diziam, é português, não é, minha filha? Eu achava tão esquisito! Mas não é a língua da gente? (BOJUNGA, 2007, p.17)

A linguagem, também traço cultural de uma sociedade, aparece no trecho acima como obstáculo para o envolvimento do leitor com o texto, travando uma distância tão grande a ponto de fazer com que o leitor não se reconhecesse diante de um texto escrito em língua portuguesa.

A mudança de avaliação a respeito da leitura – “... mas então esse negócio de ler era um troço bem chato, não era não?...” (BOJUNGA, 2007, p.17) – ocorreu no momento em que a leitora começou a ler um livro que lhe fora presenteado por um tio: *Reinações de Narizinho*.

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica Pau Amarelo. (...) E quando cheguei no fim do livro eu comecei tudo de novo, numa casinha branca lá no sítio do Pica Pau Amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás pra frente, e aquela gente toda do sítio do Pica Pau Amarelo começou a virar a *minha* gente. (...) A Emília me deslumbrava! Nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? Ah, eu vou fazer isso também!

Mas longe de imaginar que eu estava vivendo o meu primeiro caso de amor. (BOJUNGA, 2007, p.18)

O trecho acima destacado comprova efetivamente o que foi afirmado no primeiro parágrafo sobre o texto lobatiano: a brasilidade da ambiência, dos personagens e da linguagem como fator determinante no envolvimento do jovem leitor com o texto, trazendo como possível consequência o desenvolvimento do gosto pela leitura do texto literário.

O segundo fator a ser considerado diz respeito à concepção de infância como um conceito histórico. Segundo Silva,

A noção de infância não foi sempre a mesma. Nas sociedades tradicionais, a criança misturava-se ao mundo adulto, com intensas trocas afetivas fora da família, das quais extraía aprendizagem. (...) as crianças e mesmo os jovens vestiam-se com os adultos, não havendo sequer maior preocupação em diferenciar meninos de meninas. Se existia algum traço de sentimento, este se restringia à consideração da “pequena criatura” como um animalzinho ou bichinho de estimação. (SILVA, 2010, p.22)

Destituída de um lugar próprio na sociedade, que, por sua vez, não se preocupava em distinguir meninos e meninas, é natural pensar-se na despreocupação de oferecer à criança algo que lhe fosse adequado como entretenimento, de cujo conjunto faz parte a leitura. Assim, havia a obra literária em si, possível de ser consumida por tantos quantos os leitores existentes, independente de idade. É interessante destacar

que, etimologicamente, a palavra “infante” remete àquele que não fala – in-fans –, destituído, portanto, da capacidade de nomear o mundo e de se reconhecer na linguagem, dimensão original em que se inserem os seres humanos.

É justamente contra isso que Lobato se coloca, assumindo um posicionamento político que vai de encontro à tradição em diferentes aspectos, especialmente em relação ao papel da criança na sociedade. Lobato deu voz à criança, o que, conseqüentemente, a fez capaz de aprimorar o olhar, expandindo a abrangência desse sentido, que certamente vai trazer como consequência o enriquecimento da experiência, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico acerca de si e das coisas e pessoas do mundo ao seu redor pelo contato que estabelece com a narrativa literária.

No dizer de Ana Maria Machado,

Ler uma narrativa literária (...) é um fenômeno de outra espécie.

Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano. (MACHADO, 2002, p.77)

O transporte para outro universo, para um espaço onde tudo é possível de acontecer, sem causar assombros, com ambientes, pessoas e situações “conhecidas” pelo fato de fazerem parte da fantasia infantil, é o que Lobato proporciona a seu leitor preferencial: a criança.

No presente artigo, a relevância da linguagem lobatiana como matéria-prima da construção narrativa constitui-se o foco de nosso olhar. Entre as inúmeras possibilidades de textos, escolhemos *Emília no País da Gramática*, em função do próprio conteúdo apresentado sobre o ensino da Língua Portuguesa.

A VISITA AO PAÍS DA GRAMÁTICA

A nova concepção de contato com a língua materna dá seus primeiros sinais já no título da obra: Lobato leva a turma do sítio, acompanhado pelo leitor, a um país chamado Gramática. O autor não se contenta em colocar seus personagens ouvindo lições de gramática. Isso seria muito pouco! A emoção decorre da viagem àquele país; a deslocar-se para lá, onde será possível vivenciar e experimentar, diretamente, os diferentes conteúdos. Como não poderia deixar de ser, é Emília que sugere a Pedrinho realizar mais essa aventura.

Emília habituou-se a vir assistir às lições, e ali ficava a piscar, distraída, como quem anda com uma grande ideia na cabeça.

É que realmente andava com uma grande ideia na cabeça.

– Pedrinho – disse ela um dia depois de terminada a lição – por que, em vez de estarmos aqui a *ouvir falar* de gramática, não havemos de *ir passear* no País da Gramática?

O menino ficou tonto com a proposta.

– Que lembrança, Emília! Esse país não existe, nem nunca existiu.

Gramática é um livro.

– Existe, sim. O rinoceronte, que é um sabidão, contou-me que existe. Podemos ir todos montados nele. Topa? (LOBATO, 1994, p.7-8)

Chegando ao destino, Pedrinho, Narizinho, Emília, o Visconde de Sabugosa e o rinoceronte – Quindim – percorreram as diversas cidades que compunham o país da Gramática. A primeira visitada pelo grupo de crianças, ciceroneados por Dona Sintaxe, era habitada pelos Vícios de Linguagem. Ao chegarem ao décimo cubículo do lugar, Emília encontrou “... um moço muito pernóstico...” (LOBATO, 1994, p.53), muito chique, e Dona Sintaxe disse-lhes que aquele era o Neologismo e acrescentou: “... Sua mania é fazer as pessoas usarem expressões novas demais e que pouca gente entende...” (LOBATO, 1994, p.53). Emília, no entanto, reagiu ao comentário de Dona Sintaxe e afirmou:

– Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já... (LOBATO, 1994, p.53)

A fala de Emília, acima destacada, é exatamente nosso ponto de partida e de apoio para o presente estudo: as criações neológicas lobatianas, cuja expressividade na produção de sentido recai, quase sempre, no humor. O uso de neologismo constitui uma estratégia do autor para “brincar com coisa séria”, já que o material do qual se apropria são os fatos gramaticais da língua portuguesa, dos quais, segundo a escola, todos os falantes devem fazer uso adequado no intuito de entenderem os outros e também de se fazerem entender pelos outros.

NEOLOGISMOS E LÍNGUA LITERÁRIA

Segundo Valente (1997), “Neologismo é a palavra nova, inventada, ainda não dicionarizada. Corresponde à criação vocabular que, em determinado estado da língua, acrescenta uma novidade ao léxico” (VALENTE, 1997, p.87).

Nesse processo de criação de neologismos, destacamos dois tipos: os neologismos vocabulares ou neologismos de forma, e os neologismos semânticos ou de sentido. No primeiro grupo, estão as palavras criadas pelos falantes, nas quais são empregados elementos mórficos próprios da língua, que, combinados, produzem efeitos inusitados; no segundo, ocorre o que se costuma denominar expansão do sentido de base da palavra. Assim, no dizer de Bechara (2009), no qual se percebe ratificada a observação de Emília,

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua. (BECHARA, 2009, p.351)

A leitura do texto de Lobato também confirma a reação de Emília acerca da importância dos neologismos na língua portuguesa. O autor busca, na criação neológica, um recurso de criatividade e de expressividade para sua produção. A subversão ao padrão estabelecido, marcado pela utilização desse recurso lexical, constitui um traço insólito que traz à mente a imagem construída por João Cabral de Melo Neto (1999), uma vez que, na condição de “pedra”, o neologismo

“... dá à frase seu grão mais vivo”, pois “açula a atenção” do leitor, do mesmo que também constrói humor.

De acordo com Henriques (2007), os “neologismos lexicais ou formais, na maior parte das vezes, são palavras que têm nítida inspiração em outra(s)” (HENRIQUES, 2007, p.138). Por essa razão, apesar do estranhamento inicial na leitura, o leitor não apresenta problemas na apreensão do sentido.

Concentrando-nos, pois, nesse campo de observação, a viagem ao País da Gramática vai proporcionar à turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo e ao leitor um encontro prazeroso com palavras inventadas, não por coincidência, por Emília, personagem a quem, por ser boneca, é concedido o direito pleno de subverter, sempre que assim o desejar, a ordem social estabelecida, inclusive no aspecto linguístico.

Em “A Tribo dos Advérbios”, o verbo Ser incumbiu-se, gentilmente, de acompanhar os visitantes. Ao ser perguntado por Emília o que era advérbio, o cicerone explicou que era “... uma palavra que nos modifica a nós, Verbos; e que modifica aos Adjetivos; e que, às vezes, também modifica os próprios advérbios...” (LOBATO, 1994, p.31). Informou ainda à boneca e aos demais visitantes que, pelos rótulos das prateleiras, todos poderiam verificar de que modo se operava essa modificação, “... de que jeito eles modificam a gente.”, disse o verbo Ser. Emília, sem perder tempo, respondeu:

- A gente verbática – frisou Emília – porque eu também sou gente e nada me modifica. Só tia Nastácia, às vezes...
- Quem é essa senhora?
- Uma Advérbia preta como carvão, que mora no sítio de Dona Benta. Isto é, Advérbia só para mim, porque só a mim é que ela modifica. Para os outros é uma Substantiva que faz bolinhos muito gostosos. (LOBATO,1994, p.31)

O adjetivo “verbática” traz consigo, pelo acréscimo do sufixo “-ica”, a ideia de determinar “algo que é próprio dos verbos”, conjunto do qual Emília se exclui, fazendo parte somente da categoria “gente”. A brincadeira com a criação de palavras continua com a utilização de “advérbia” e “substantiva”.

Na criação de “advérbia”, o autor segue passos sucessivos até chegar ao produto final. Em primeiro lugar, ocorre a mudança da classe da palavra: “advérbio” passa de substantivo a adjetivo; em seguinte, substitui a vogal temática nominal “o” pela desinência de gênero “a”, com o intuito de promover a concordância gramatical nominal com o referente “tia Nastácia”. Cabe ressaltar também a ampliação de sentido aplicada ao verbo “modificar”, sentido esse que sai do terreno da sintaxe e passa a situar-se no social, extralinguístico.

Em “substantiva”, o neologismo mantém a mesma classe de sua origem. Destaca-se aqui o fato de que, quando a

turminha esteve “Em pleno mar dos substantivos”, foram a estes apresentados como palavras nomeadoras de seres e passíveis de flexão. Assim, o segundo passo no processo de formação da nova forma linguística deu-se com a substituição da vogal temática nominal “o” pela desinência de gênero “a”, para, assim como no exemplo anterior, garantir a concordância gramatical com o referente “tia Nastácia”. Por fim, destaca-se o emprego da palavra “Substantiva” grafada com letra maiúscula, ou seja, como nome próprio, praticamente sinônimo de “tia Nastácia”, num procedimento evidente de referenciação do agente da ação verbal.

Ainda durante essa visita, Emília faz o seguinte comentário acerca do advérbio de tempo “entrementes”:

- Oh – exclamou Emília, agarrando o *Entrementes* pelo cangote.
- Não sabia que era aqui que morava este freguês. Conheço um moço que tem tanta birra deste coitado que risca todos que encontra nas páginas dos livros. Mas não é tão feio assim, o pobre. Que acha, Serência? (LOBATO, 1994, p.31)

Na palavra “Serência”, o processo de formação de palavra por derivação empregado faz com que ela funcione como pronome de tratamento, valendo-se o autor do interlocutor de Emília – o verbo Ser –, ao qual foi acrescentado o sufixo também presente em “Vossa Excelência”, numa

demonstração de respeito e de formalidade por parte da boneca. Vale destacar também, nesse caso, a semelhança fônica existente entre as formas “Serência” e “Excelência”, o que as aproxima, valorizando o efeito produzido.

Na terra de “A Senhora Etimologia”, Emília, ao ser apresentada às palavras antônimas como sendo “... as que têm sentido oposto como Noite e Dia; Sim e Não; Com e Sem; Ódio e Amor; Bom e Mau...” (LOBATO, 1994, p.35), berrou:

- Engraçado! (...) Então Dona Benta é Antônima de tia Nastácia!...
- Que absurdo é esse, Emília – exclamou Narizinho.
- São, sim – insistiu a boneca – porque uma é branca, e outra é preta.
- As cores delas é que são Antônimas, boba, e não elas... (LOBATO, 1994, p.35)

Ao dizer que Dona Benta e Tia Nastácia são antônimas, Emília amplia, com o emprego figurado, o sentido original dessa palavra. Percebe-se o uso metonímico do termo “antônimas”, uma vez que a boneca substitui a diferença étnica existente entre as duas personagens pelos próprios seres portadores dessa diferença.

Ao penetrarem “Nos Domínios da Sintaxe”, as crianças interagem com os termos oracionais, a transitividade verbal, a colocação pronominal. Nesse último contato, Dona Sintaxe

explica o trabalho que tem com os pronomes oblíquos, respondendo a uma pergunta feita por Pedrinho a respeito desse assunto:

– Esses eu mando colocar de três modos diferentes – *antes* do Verbo, no *meio* do Verbo e *depois* do Verbo.

– No meio do Verbo? – indagou Emília com cara de espanto.

Como? Então a senhora corta o Verbo com uma faca para enfiar o Pronome dentro?

– Exatamente. Abro o Verbo e ponho o Pronome dentro. Nesta frase: *O gato se fartará de ratos* eu posso fazer essa operação cirúrgica. Abro o Verbo *Fartará* e ponho o Pronome dentro, assim: *fartar-se-á*. E a frase fica esta: *O gato fartar-se-á de ratos* – muito mais elegante que a outra.

– Tal qual tia Nastácia costuma fazer com os pimentões. Abre os coitados pelo meio, tira as sementes e enfia dentro uma carne oblíqua. (LOBATO,1994, p.50)

No sintagma “carne oblíqua”, é possível perceber que a criação neológica ocorre pelo processo metafórico: assim como os pronomes pessoais oblíquos átonos são inseridos no meio de formas verbais no futuro do presente ou futuro do pretérito do indicativo, tia Nastácia coloca carne no meio de pimentões para recheá-los; desse modo, no entendimento

de Emília, se o pronome colocado no meio da forma verbal é oblíquo, a carne que recheia os pimentões pode receber o mesmo adjetivo: carne oblíqua. O caso “oblíquo” tem, pois, ampliado, por meio da construção metafórica, seu significado e, no intuito de garantir a concordância nominal com o referente, ocorre a substituição da vogal temática nominal “o” pela desinência de gênero “a”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos extraídos da obra analisada deixam evidentes não ser possível desconsiderar a importância das construções neológicas em Monteiro Lobato. Essas criações ratificam a posição inovadora do autor quanto à manipulação e ao manejo da Língua Portuguesa, que, no seu entender, não se deve deixar aprisionar por regras estabelecidas e inquestionáveis. Ao contrário, em nome do propósito e da intenção comunicativa, o “cascão gramatical”, expressão empregada por Emília no capítulo de abertura da obra em questão, deve ser quebrado, já que as rupturas linguísticas, entre outros efeitos, sustentam, no seu bojo, o olhar crítico do usuário da língua.

Parafraseando o personagem Pedrinho, quando faz uma observação acerca da maneira como Dona Benta lhe faz rever os conteúdos estudados na escola, se, na Educação

Fundamental, os professores conduzissem o ensino da língua materna da maneira lúdica como o faz Monteiro Lobato, provavelmente o envolvimento e a apreensão dos alunos em relação aos fatos gramaticais seriam maiores e mais produtivos.

REFERÊNCIAS:

Bechara, Evanildo (2009). *Moderna Gramática Portuguesa* (37a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bojunga, Lygia (2007). *Livro – um encontro* (6a ed.). Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.

Henriques, Claudio Cezar (2007). *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Lobato, Monteiro (1994). *Emília no País da Gramática* (39a ed.). São Paulo: Brasiliense.

Machado, Ana Maria (2002). *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Melo Neto, João Cabral de. (1999). *Catar Feijão*. In *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

Silva, Márcia Cabral da. (2010). *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Valente, André (1997). *A Criação Vocabular: Os Neologismos*. In Maria Teresa Gonçalves Pereira. *Língua e Linguagem em Questão*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Tania Maria Nunes de Lima Camara é Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desenvolve o projeto de pesquisa “Práticas Sociais da Expressão Linguística e Práticas Escolares: leitura, produção textual, ensino”. Coordenadora do curso de Mestrado em Língua Portuguesa e do curso Português para a Comunidade

da UERJ. Autora do livro “As Múltiplas Faces do Ser Machadiano: um olhar crítico sobre os nomes próprios” e de diversos artigos publicados em livros e periódicos, entre os quais se encontram “Machado de Assis: o antropônimo como estruturador da narrativa”; “Fita verde no cabelo: o conto na prosa poética de Guimarães Rosa”, “Machado de Assis: a possível articulação entre o clássico e a tecnologia” e “O léxico como marca de expressividade em Manoel de Barros”.

Recebido em 13 de outubro de 2014.

Aprovado em 27 de abril de 2015.